

Rússia cerca capital da Ucrânia e exige que o governo entregue armas



Ucraniano revira destroços de prédio residencial destruído em meio à ofensiva militar russa na rua Kochitsa, em subúrbio de Kiev. Daniel Led/APP

Tropas russas cercam Kiev, e Kremlin pede rendição do governo da Ucrânia

Forças buscam capitulação ou derrubada do presidente, que pede resistência até com molotovs

Igor Gielow

Moscou No segundo dia da campanha militar russa contra a Ucrânia começou com uma intensificação do cerco à capital do país, Kiev. Forças de Vladimir Putin voltaram a bombardear a cidade, desta vez com efeitos mais claros sobre civis, e se aproximam por dois flancos. Soldados russos já operam na cidade.

A pressão militar, o Kremlin já abriu as portas para uma negociação de paz sob seus termos, uma rendição. Segundo o porta-voz Dmitri Peskov, Putin aceita enviar uma delegação a Minsk (Bielarus) para discutir "a neutralidade da Ucrânia" com uma missão do presidente Volodimir Zelenski.

Peskov comentava sobre uma fala anterior do ucraniano, que havia dito estar aberto a conversas e afirmou "não ter medo de discutir a neutralidade" — certamente não desta forma. Os russos em resumo querem o vizinho renunciando a entrar nas estruturas ocidentais, Otan (aliança militar) e a União Europeia.

A coreografia seguiu com um comunicado chinês, segundo o qual Putin teria dito ao líder Xi Jinping estar pronto para negociar. Algumas horas depois, Putin voltou a atacar Zelenski, sugerindo que as Forças Armadas ucranianas deveriam derrubá-lo.

"Parece que será mais fácil para nós nos acertarmos com vocês do que com essa gangue de vicciados e neonazistas", declarou em uma entrevista à TV. Alguns observadores políticos russos viram na agressividade um sinal duplo, contudo, acerca da capacidade de resistência do rival.

O movimento militar confirma a hipótese de que a Rússia de fato mirava Kiev como seu principal alvo. Num avaliação vazada pelo Pentágono às TVs americanas, os russos teriam diminuído a velocidade de seu ataque, ficando a dividação se isso seria uma sinalização para abrir a negociação ou perda de ímpeto. No caso de a observação ser correta.

Os moradores da capital acordaram nesta sexta (25) com sons de explosões de mísseis balísticos e de cruzeiro.

Zelenski afirma que Rússia tentaria tomar capital neste sábado

O presidente da Ucrânia, Volodimir Zelenski, afirmou em pronunciamento na noite desta sexta-feira (25) que as forças russas tentariam tomar a capital, Kiev, na madrugada deste sábado. "Não podemos perder a capital. Falo com nossos defensores: hoje à noite, o inimigo vai usar todas as suas forças para romper nossas defesas da maneira mais vil, dura e desumana", afirmou. "O destino da Ucrânia está sendo decidido agora". Ele exortou os moradores a resistir e pediu que jogassem coquetéis molotov contra os invasores.

Em alguns bairros, também foi relatada a distribuição de fuzis e munição a civis. Já nas primeiras horas da madrugada de sábado, a agência Reuters relatou explosões afastadas do centro de Kiev, e o Exército ucraniano acusou tropas russas de tentar atacar uma estação de energia e uma base militar na capital. A capital está sob cerco desde a manhã de sexta, e horas antes Zelenski havia gravado outro vídeo, em frente ao palácio presidencial, cercado de auxiliares, para mostrar que continuava na cidade.

“ Não podemos perder a capital. Falo com nossos defensores: hoje à noite [madrugada de sábado], o inimigo vai usar todas as suas forças para romper nossas defesas da maneira mais vil, dura e desumana

Volodimir Zelenski presidente da Ucrânia, em pronunciamento na noite de sexta-feira (25)

Um caça Su-27 ucraniano, modelo soviético usado por Moscou e Kiev, foi abatido sobre a cidade e caiu sobre um bloco residencial. A Ucrânia fala em 137 mortos ao todo de seu lado e talvez 800 baixas russas, o que não é aferível.

Enquanto isso, a batalha pelo aeroporto Antonov, em Hostomel (45 km a noroeste do centro de Kiev) seguiu noite adentro, depois de forças aerotransportadas russas o terem tomado na véspera. As informações são confusas, como sempre são em guerras.

Os ucranianos afirmaram ter retomado a pista, enquanto em Moscou analistas militares dizem que a 76ª Divisão Aerotransportada de Pskov já está pronta para ser levada em aviões de transporte Il-76 para estabelecer uma cabeça de ponte no aeródromo. Seja como for, de lá já saíram forças especiais russas infiltradas nas periferias da capital, segundo anunciou Zelenski, que se disse abandonado pelo Ocidente na crise.

O governo pediu para que moradores avisem a polícia e joguem coquetéis molotov se avistarem suspeitos. Foram distribuídos 18 mil fuzis.

Perto das 12h (7h no Brasil), moradores relataram ter ouvido tiros de armas leves na região central da cidade. Fumaça subiu do centro de Inteligência do governo. As 13h de Moscou (9h em Brasília), a Rússia disse que "o lado ocidental de Kiev está bloqueado". Alguns blindados de reconhecimento foram vistos.

A outra frente de ataque se formou a leste da capital. Os russos tomaram a central nuclear de Tchernóbil, instabelecendo assim um corredor entre as suas forças navizinha Belarus e a capital Kiev.

O governo decretou medidas para tentar proteger civis, estabelecendo toque de recolher noturno, orientando a estocagem de alimentos, recolhimento de documentos e o uso de abrigos antiaéreos.

"Tudo começou de novo por volta das 14h (2h em Brasília). Minha mãe lembrou de 1941", contou por celular o engenheiro Piotr Timotchenko, morador da periferia da capital.

E ela não foi a única. "A última vez que a capital experimentou algo assim foi em 1941, quando foi atacada pela Alemanha nazista", escreveu em seu perfil do Twitter o chanceler Dmitri Kuleba.

Como relata Timotchenko, "todo ucraniano e todo russo lembra da frase: 'Kiev é bombardeada'". Essa foi a mensagem de rádio que anunciava o início da Operação Barbarossa, a invasão nazista da União Soviética, no dia 22 de julho daquele ano.

As lembranças da Segunda Guerra pairam sobre o conflito. Putin fala em "desnazificar" e "desarmar a Ucrânia para proteger o Donbass". A associação entre elementos militares ucranianos e inspiração neonazista é bem conhecida, e explorada pelo russo, ainda que Zelenski seja judeu.

Donbass é o nome do leste ucraniano, onde há duas áreas rebeldes pró-Rússia que foram reconhecidas como países por Putin, depois de oito anos de guerra civil apoiada pelo Kremlin, e iniciada após a anexação promovida pelo russo da Crimeia para evitar que o então novo governo de Kiev aderisse ao Ocidente.

Essa questão estava no centro do ultimato de Putin ao Ocidente em meio a seus quatro meses de preparação para a ação — algo que ele sempre negou, até justificá-la com uma ameaça militar ucraniana aos 4 milhões de moradores do Donbass, 800 mil com passaporte russo, considerada inexistente por analistas.

Resta saber se Putin pretende atacar de forma destrutiva, provando a fala de Zelenski de que ele é o "alvo número 1", ou se manterá a pressão.

Segundo a Folha ouviu de uma pessoa com acesso ao Kremlin nesta sexta, há um rumor palaciano de que Putin fez um ultimato a Zelenski: renda-se ou seja derrubado.

Como seria previsível, é impossível comprovar essa informação a esta altura, embora haja lógica no relato — ainda mais com a fala de Peskov. Mas coisas lógicas já se apresentaram até aqui: esta mesma pessoa dizia na semana passada que Putin nunca arriscaria matar civis ucranianos.

E, ainda que suas forças de fato estejam privilegiando ações militares, depois do início de uma guerra ataques mais precisos costumam ceder lugar a combates mais sujos, nos quais surge o eufemismo dano colateral — cadáveres de não combatentes.

De todo modo, no meio diplomático em Moscou, é consenso que o que Putin quer agora é uma mudança rápida de regime, fazendo valer sua versão 2022 da "blitzkrieg" nazista. Nesse cenário, Zelenski cederia o poder em troca de algum tipo de anistia ou exílio, e algum político de partido mais alinhados à Rússia na Rada (Parlamento) assumiria um governo interino.

A alternativa seria, para os russos, ele ser morto ou preso, seja em ataques aéreos ou em ação de forças especiais infiltradas por meio de Hostomel. Em Kiev, já há sinais de cansaço. "A Ucrânia sempre vai dar espaço para negociações, incluindo agora. A guerra tem de parar", afirmou em rede social o assessor presidencial Mikhailo Podoliak.

Antes da fala de Peskov, Moscou sinalizou sua disposição. "Não vemos a possibilidade de reconhecer como democrático um governo que persegue e usa métodos de genocídio contra seu povo", disse o chanceler Serguei Lavrov. Enquanto tais hipóteses se desenham, a ação continua no resto da Ucrânia. Há relatos de grandes bombardeios na costa do mar Negro, o que parece confirmar a hipótese de que Putin irá, além de buscar derrubar Zelenski, desmembrar uma parte do país.

O status político de tal território não é sabido. Há combates na região e também em torno de Kherson. Lviv, a "capital do oeste", está sob temor de cerco e bombardeio.

Há também a questão do custo. Putin gastou cerca de US\$ 5 bilhões para aquecer a infraestrutura crimeia, e o valor cinco vezes maior estimado para fazer o mesmo só com o Donbass sempre foi visto como um incentivo a deixar aregão independente — o que ele formalizou na segunda-feira.

Leia mais das págs. A10 a A13, em Mercado e Espaço

Otan promete refazer defesa antiaérea ucraniana, mas não diz quando

Moscou No segundo dia da campanha de Vladimir Putin na Ucrânia, centrado na pressão sobre a capital Kiev, desenvolvimentos dentro e fora do teatro da guerra chamaram a atenção.

Fora, a Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte) manteve a promessa de ajuda ao governo de Volodimir Zelenski, porém sem dar muitos detalhes.

Na reunião em que ativou sua Força de Reação pela primeira vez, a aliança anunciou que irá fornecer sistemas antiaéreos para Kiev. Este é provavelmente um dos itens prioritários na lista de desejos das Forças Armadas do país sob ataque.

Na sexta-feira (25), o Ministério da Defesa da Rússia disse ter destruído 14 sistemas antiaéreos, todos os S-300 russos, em número não sabido, e Osasovieticos.

Assim, parecem estar à disposição de Kiev só 6 Tor-M1 russos e um número incerto dos 75 modelos soviéticos mais antigos. O S-300 é um dos mais eficazes sistemas em operação.

Sem a sua melhor defesa antiaérea e com seus aviões sendo caçados por mísseis em aeroportos, a Ucrânia tem seus céus controlados, ou quase, pelos russos. O problema da promessa da Otan é a sua flutidez: nada é dito, e cada hora conta.

A Estônia prometeu enviar mísseis antitanque americanos Javelin ao aliado, e segundo o tabloide alemão Bild, outros quatro países do clube de 26 nações farão o mesmo. O modelo estela a ajuda dos EUA a Kiev desde a anexação da Crimeia, em 2014, que levou US\$ 2,5 bilhões em armas para o país.

É pouco, mas bastante ante o orçamento militar de 2021, recém-divulgado: US\$ 4,27 bilhões, dez vezes menos do que o que esteve à disposição dos russos. Já a Força de Reação, criada após 2014 para situações de emergência na Europa, foi um anúncio já antecipado e vagão. Ela pode ter até 40 mil homens e EUA sa coordenar ações de diversos membros da aliança.

Zelenski disse na sexta que o Ocidente, ao fim, o ajudaria a se defender. Depois, presumivelmente ouviu palavras de conforto e promessas nos 40 minutos em que passou ao telefone com o presidente dos EUA, Joe Biden.

Jens Stoltenberg, secretário geral da Otan, afirmou que ela não vai operar com toda sua capacidade. Isso mesmo de tendo dito que esta guerra é a pior crise de segurança europeia desde o segundo conflito mundial.

Há um motivo: não melindrar ainda mais os russos. A última coisa que EUA e aliados na Otan parecem querer é dar impressão de que lutarão pela Ucrânia.

O motivo? O risco de uma Terceira Guerra Mundial, nuclear com o próprio Putin já lembrado aos rivais.

Já na Ucrânia, houve um desenvolvimento importante no sul, se relacionado pelo Pentágono a reportes americanos for reais, de que os russos desembarcaram milhares de fuzileiros navais perto de Mariupol, cidade que enfrentou dois dias de bombardeio forte. E um porto vital na ligação entre as áreas rebeldes do Donbass e a Crimeia. No desenho de invasão no qual Putin corta um anaco da Ucrânia dá parelhos, o corredor entre as áreas que reconheceu como independentes é central. IG

Movimento antiguerra cresce na Rússia, mas não nas ruas

Campanha une celebridades, intelectuais e até a filha do porta-voz de Putin

Igor Gielow

Moscou Um movimento contrário à guerra na Ucrânia na sociedade russa tem ganhado tração, com adesão em peso de intelectuais e celebridades do país. Até a filha do porta-voz de Vladimir Putin protestou, aparentemente, já que sua postagem crítica foi apagada. O desafio da campanha é chegar às ruas.

Em meio à pandemia da Covid-19, o presidente russo, Vladimir Putin, determinou uma campanha de repressão a qualquer tipo de ativista contrário ao Kremlin. O estopim foram os atos gigantes contra a prisão do opositor Alexei Navalni em 2021, que por sua vez havia organizado alguns dos maiores protestos contra o Kremlin nos anos anteriores.

A reação contra o ataque ao governo de Kiev começou lentamente, enquanto as tropas russas ainda se mobilizavam junto às fronteiras do vizinho. Mas os misséis que atingiram a Ucrânia na quinta-feira (24) aceleraram o protesto.

Uma das mais cintilantes adesões foi de Lisa Peskova, uma das filhas de Peskov e celebridade na internet russa. Ela postou no Stories de sua conta Instagram o "Não à

guerra" nesta sexta-feira (25). A postagem foi apagada na sequência, deixando em aberto se ela foi vítima de algum hacker. Mas Lisa tem um histórico de polémicas no país, tendo sido alvo de críticas por ter defendido direitos LGBTQIA+ em um país em que políticas homofóbicas são de Estado.

Ativistas históricos pelos direitos humanos agriram. Lev Ponomarev juntou 500 mil assinaturas online a um manifesto em que chama a guerra de insanidade. O Prêmio Nobel da Paz de 2021 Dmitri Muratov fará rodar o jornal que dirige, o Novaya Gazeta, em edição bilingue russo-ucraniana. Um grupo de 320 professores da rede estatal publicou carta aberta a Putin, e 150 cientistas fizeram um manifesto antiguerra. Elena Kovalskaia, diretora do Teatro Estatal de Moscou, foi ainda mais dura. Pediu demissão e postou: "É impossível trabalhar para um assassino e ser paga por ele".

O Centro Ieltsin, que cuida da memória do presidente Boris Ieltsin, o homem que indicou Putin para ser premiê e, depois, presidente ao renunciar no Ano Novo de 2000, pediu "o fim imediato das hostilidades na Ucrânia". Já a repórter Elena Tcher

nenko, do diário Kommersant, perdeu sua credencial para cobrir o Ministério das Relações Exteriores por ter organizado uma carta contra a guerra, assinada por cerca de cem jornalistas.

A onda chegou às celebridades. Oxcymiron, um dos mais populares rappers russos, cujo nome é Miron Fiodorov, foi ao Instagram protestar. "Isso [a guerra] é um crime e uma catástrofe", disse, cancelando seus shows com lotação esgotada que faria em Moscou e São Petersburgo.

"Eu não posso entreter vocês enquanto misséis russos caem sobre a Ucrânia. Quando residentes de Kiev são forçados a se esconder em porões e no metrô, enquanto as pessoas estão morrendo".

O mais famoso jogador de futebol do país, o atacante Fiodor Smolov, da seleção russa e do Lokomotiv de Moscou, rompeu o usual silêncio imposto por patrocinadores à categoria. "Não à guerra!", postou em suas redes sociais.

Já o tenista Andrei Rublev escreveu na lente de uma câmera "Sem guerra, por favor", após vencer o Aberto de Dubai nesta sexta. O grande mestre Ian Nepomniachtchi, um dos mais famosos exchadristas

“ Os cidadãos podem ter seus próprios pontos de vistas. Então, nós precisamos explicar as coisas melhor a eles. Segundo, sem seguir os procedimentos apropriados, esses cidadãos não têm o direito legal de organizar demonstrações para expressar seus pontos de vista

Dmitri Peskov porta-voz do Kremlin, sobre a prisão de cerca de 1.800 manifestantes, de acordo com dados da OVD-Info

russos, também protestou.

Nas ruas, contudo, o Kremlin já demonstrou que manterá a linha dura. Ao longo da quinta, protestos foram registrados em mais de 40 cidades. A repressão deu seu recado, prendendo cerca de 1.800 pessoas, segundo a ONG de monitoramento de violência policial OVD-Info.

Questionado acerca disso, o porta-voz Peskov tentou contemporizar. "O presidente sempre ouve as pessoas", disse. "Os cidadãos podem ter seus próprios pontos de vistas. Então, nós precisamos explicar as coisas melhor a eles. Segundo, sem seguir os procedimentos apropriados, esses cidadãos não têm o direito legal de organizar demonstrações para expressar seus pontos de vista", disse.

Na Rússia, não é possível fazer atos sem permissão prévia das autoridades municipais. Atos individuais são em tese liberados, mas mesmo isso foi atacado na quinta-feira.

País limita Facebook por censurar noticiário pró-Kremlin

A guerra entre Rússia e Ucrânia, que desde seu longo prelúdio tinha um forte componente de disputa narrativa entre Moscou, Kiev e o Ocidente, chegou agora aos meios de distribuição de informação e desinformação.

A agência reguladora das comunicações Roskomnadz disse nesta sexta (25) que irá limitar o Facebook no país devido ao que chamou

de censura da rede social contra a RIA-Novosti, uma das principais agências de notícias estatais da Rússia.

O motivo foi a cobertura da guerra feita pela agência. Em postagens, ela chama o conflito de "operação militar especial destinada a proteger as repúblicas do Donbass e a desnazificar a Ucrânia". Noves fora a propaganda decaída do discurso de Vladimir Putin ao anunciar ação, a rede acatou queixas usuais no Ocidente.

Primeiro, as autopostagens das repúblicas são parte da questão, mas a invasão russa da Ucrânia tem objetivos muito mais amplos. Segundo, a questão da fama ucraniana na Rússia de ser um país que abriga neonazistas no governo e nas Forças Armadas, por óbvio, é contestada como generalização preconceituosa.

Para o Facebook, isso é desinformação, e a RIA foi suspensa por 90 dias. Já o veto foi visto como "violação de direitos humanos e liberdades fundamentais, assim como direitos e liberdades de cidadãos russos", numa nota conjunta da agência com o Ministério das Relações Exteriores e a Procuradoria-Geral do país.

Não foi divulgada a natureza da limitação de acesso, nem a posição da rede social. Mas há outros sinais de pequenas disrupções cotidianas. Casas de campo estão sem moeda forte para troca. Isso é, em parte, uma medida de distribuição de informação e desinformação.

A agência reguladora das comunicações Roskomnadz disse nesta sexta (25) que irá limitar o Facebook no país devido ao que chamou



Residente observa escombros de prédio atingido por míssil russo 40 km ao sul de Kiev | Lynsey Addario/The New York Times

TODA MÍDIA

Nelson de Sá
nelson.sa@grupofolha.com.br

Na imprensa americana, NYT à frente, Biden não tem como errar

Um mês atrás, um colunista do Financial Times, Simon Kuper, lamentava como "o debate internacional é desproporcionalmente dirigido pela mídia anglofona". Uma mídia que, como havia descrito Matt Taibbi na plataforma Substack, passa por "sovietização", New York Times à frente, adotando uma "ortodoxia de partido único", no caso, democrata.

Nos últimos meses e sobretudo nesta última semana, o jornal foi além e tomou para si a função de caixa de

ressonância ou "spinmeister", no jargão publicitário, de mensagens de guerra.

Avança pelas próprias reportagens, pelo noticiário. Por exemplo, quando justifica a sequência de datas de invasão que ouviu e publicou — e que levaram ao Pastor e o Lobo, da fábula.

Na primeira página desta sexta-feira (25), "as agências de inteligência dos Estados Unidos descobriram os planos e, por meio de divulgações públicas estraté-

gicas de informações, complicaram os esforços [russos] para criar um pretexto para enviar forças à Ucrânia".

Mais, "as agências de inteligência acertaram o momento da invasão, até quase a hora certa". Pena que, "no fim das contas, não foi o bastante para deter o amplo ataque que começou na quinta. Mas ajudaram o presidente Biden a persuadir aliados a formar uma frente unida".

Não é só o noticiário. Uma semana atrás, quando se especulou que a Rússia poderia evitar a ação, em meio às negociações com a França e a Alemanha, dois de seus principais colunistas correram para transferir o crédito

para o governo americano.

"Se Putin optar por recuar de invadir, mesmo que temporariamente, é porque Biden — aquele cara cujos críticos sugerem estar tão demente que não diferencia Kiev do Kansas — respondeu todos os elementos de xadrez de Putin à altura, com movimentos efetivos seus", escreveu Thomas L. Friedman.

"Se Putin recuar, o governo Biden merecerá todo o crédito pela gestão magistral da crise", escreveu Bret Stephens. "Se Putin não recuar, foram ainda os passos certos e necessários. Eles só não foram suficientes."

Biden não erra, não importa o que aconteça.

Embora o presidente tenha se esforçado publicamente, desde a campanha e sobretudo nas últimas semanas, para dividir o mundo em aliados dos EUA contra China, Rússia e outros, o editorial desta mesma sexta proclamou que "Mr. Putin lança uma Segunda Guerra Fria".

Quanto a Mr. Biden, ele "fez tudo o que podia".

O combate à China continue se arda mais cerrado, sem trégua. Foi assim durante os Jogos de Inverno e à política de Covid zero — que o NYT comparou ao Holocausto (sic), citando o apoio de milhões às medidas.

O jornal tem posição he-

gemônica hoje, não só pela perda de fôlego dos concorrentes nacionais diretos, mas pela derrocada da TV linear, que afeta as redes, inclusive a NBC, e os canais de notícia, inclusive a Fox News.

É uma supremacia que, diferente de outros tempos e outras coberturas enviesadas de guerra, não sofre mais constrangimento crítico interno e desdenha o externo.

Quando decidiu abandonar a função de ombudsman, o NYT justificou que redes como Twitter cumpriram o papel. Em entrevista à New Yorker na última semana, o editor-executivo do jornal, Dean Baquet, disse não dar atenção, desprezar as vozes do Twitter.

Crise mostra necessidade de canais de diálogo

No futuro, nada impedirá governo trumpista de invocar precedente ucraniano para retomar ofensiva contra Venezuela

OPINIÃO

Mathias Alencastro

SÃO PAULO O que ficará para a história é que enquanto Vladimir Putin e Serguei Lavrov reiteravam compromisso com os acordos de Minsk e organizavam reuniões da alta diplomacia em cenários teatrais, eles planejavam a invasão de um país soberano, a captura de suas instituições e a substituição do seu regime pela força. Enquanto nós discutíamos o tamanho das mesas, eles preparavam a guerra. Uma guerra de escolha e uma guerra de ocupação. Se a extensão territorial da Otan exigia solução imediata, não representava ameaça iminente. Potências europeias, começando pela Alemanha, já haviam descartado a entrada da Ucrânia no sistema de

defesa ocidental num futuro próximo. O pleito da Rússia por um veto da Otan à adesão da Ucrânia já caminhava dentro dos círculos ocidentais. Nas últimas semanas, autoridades das relações internacionais no Atlântico Norte defenderam um veto à entrada da Ucrânia, com Stephen Walt, que formou metade do establishment diplomático americano, apontando que as leis que governavam a Otan não são "as leis do universo". Nos círculos diplomáticos europeus, Berlim e Roma pressionavam Kiev a renegar a Otan, o que muitos viam como capitulação. A diplomacia musculada de Putin trazia resultados incontestáveis. Mas seu objetivo —incorporação irreversível da Ucrânia ao espaço geopolítico russo— não era alcançável por via diplomática. Apenas pela militar.

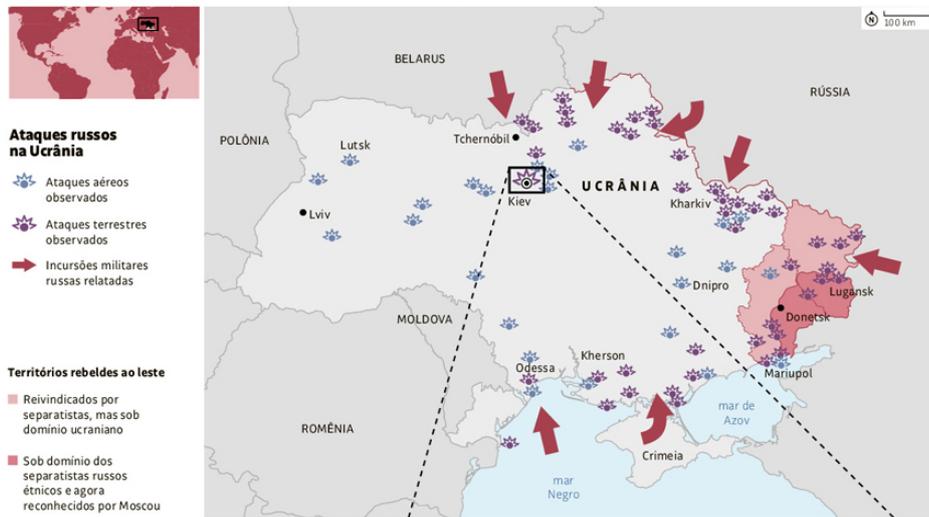
O discurso de Putin ignora a Otan e avança para um argumento, mais sombrio e ilegítimo: a negação do Estado ucraniano. Sua afirmação central, de que o "Estado ucraniano foi inteiramente criado pela Rússia ou, para ser mais preciso, pela Rússia comunista e bolchevique", tem o objetivo de erradicar da história o movimento nacionalista ucraniano, cujas origens remontam à metade do século 19. Mas nada disso importa. A história, independentemente da sua interpretação, não dá direito a conquista. Em 1991, mais de 90% dos ucranianos votaram a favor da independência. Eles podem se dividir entre europeístas e russófilos sem que isso comprometa sua autonomia dentro do sistema internacional. Se a polarização política, social e étnica justificasse em si a frag-

mentação e implosão do Estado, não haveria mais Estados. A ideia de que o expansionismo da Otan explica a pressão diplomática, mas não justifica a ação militar, tem orientado as tomadas de posição políticas. Exponentes anti-Otan na Europa se posicionaram claramente contra a Rússia. Gabriel Boric condenou sem ambiguidades o uso ilegítimo da força e Alberto Fernández buscou posição moderada, apelando à Rússia para interromper a invasão. Os que dizem que Moscou está recebendo o apoio do chamado Sul Global também ignoram a posição dos Estados africanos, onde as fronteiras, desenhadas pelas potências coloniais, são objeto de tensão permanente. O ombudador do Quênia na ONU exaltou o sofrimento da Ucrânia e afirmou: "Nós devemos

sair das brasas dos impérios mortos para não voltarmos a mergulhar em novas formas de dominação e opressão". A defesa incondicional da paz deve se estender a todas as partes. Se os ucranianos têm o direito de se proteger, só loucos e armamentistas defendem uma retaliação contra a potência nuclear russa. O desenrolar do conflito também deve reforçar a impressão de que as sanções internacionais viraram as armas dos impotentes, que tudo antecipam mas nada fazem. Esvaziadas pelas contradições dos países ocidentais, divididos entre a necessidade de reagir e de cuidar de seus ativos econômicos, as sanções parecem facilmente assimiláveis por quem passou ucraniano e afirmou: "Nós devemos

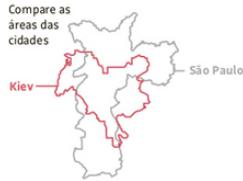
pacificar a vida dos ucranianos ameaçados pelas armas. Se nada mudar, Kiev cairá solitária, corajosa e abandonada. A recomposição da arena internacional passa por acolher refugiados, impedir alastramento do conflito, denunciar o arbítrio de um futuro regime legitimado pelo ocupante e restaurar o direito internacional e as fronteiras. É imperativo criar espaços de diálogo mais dinâmicos e democráticos que o Conselho de Segurança. Ou num futuro próximo, nada impedirá uma administração americana trumpista de invocar o precedente ucraniano para retomar a ofensiva contra a Venezuela em nome da hegemonia na sua "esfera de influência". A última coisa que queremos é ver a guerra do outro lado do mundo justificando uma nas nossas fronteiras.

O desenvolvimento do conflito na Ucrânia até aqui



As tropas russas em Kiev

Mísseis balísticos e de cruzeiro teriam atingido o Aeroporto Internacional de Borispil e instalações militares



Raio-X da Ucrânia

Área 603.550 km² (pouco maior que Minas Gerais)

PIB per capita US\$ 3.724 (no Brasil é US\$ 14.836)*

População 43.745.640 (cerca do dobro da de Minas Gerais)

IDH 74ª posição (Brasil é o 84º)

PIB US\$ 155.499 bi (do Brasil é US\$ 1,4 trn)

*Considerando paridade do poder de compra

Populações das principais cidades

1 milhão

600 mil

200 mil



Compare as forças de Rússia, Ucrânia e Otan



* Soma das forças dos 30 países membros do bloco

Fontes: Folha, Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, Otan, The New York Times, Statista, Graphic News

Putin e chanceler farão parte de sanções de EUA e Europa

Ocidente sobe o tom em punições por invasão da Ucrânia, mas impacto das medidas ainda é considerado incerto

WASHINGTON PARIS | AFP/REUTERS A União Europeia e os Estados Unidos anunciaram, nesta sexta-feira (25), que incluirão o presidente da Rússia, Vladimir Putin, e o chanceler Sergei Lavrov na lista de indivíduos que serão alvo de sanções devido à invasão militar da Ucrânia. Posteriormente, medida similar também foi divulgada pelo Reino Unido.

No caso europeu, o pacote de sanções foi inicialmente divulgado pelo chefe da diplomacia do bloco, Josep Borrell. "Importante sinalizar que os únicos líderes do mundo que são sancionados pela UE são Bashar al-Assad [ditador sírio], Alexandr Lukashenko [ditador belaruso] e, agora, Putin", disse o espanhol.

Mais cedo, questionado sobre eventuais reações de Putin e Lavrov, Jean Asselborn, chanceler de Luxemburgo, disse que os dois "vivem em uma bolha e que não podem mais reconhecer a realidade".

O porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, recusou-se a comentar sobre a possibilidade de sanções diretas contra

Putin e Lavrov, mas mais tarde o governo russo tratou as medidas como um sinal de "impotência do Ocidente". Na prática, o pacote pouco afeta a vida financeira dos dois líderes, já que nenhum deles tem bens declarados no exterior.

Além das medidas contra os dois políticos russos, o presidente do Conselho Europeu, Charles Michel, disse que a UE prepara novas sanções econômicas. Em sua opinião, o pacote aprovado pelos líderes dos 27 países do bloco na quinta (24) não é suficiente.

A ameaça foi feita poucas horas depois de o presidente da Ucrânia, Volodimir Zelenski, pedir medidas mais duras contra Moscou. "As possibilidades de sanções ainda não foram esgotadas. A pressão sobre a Rússia deve aumentar", escreveu no Twitter. Ele ainda disse ter encaminhado a mensagem à presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen.

Os líderes da UE aprovaram na quinta, durante cúpula de emergência em Bruxelas, sanções que atingem os setores de

Rússia ameaça Finlândia e Suécia caso se juntem a Otan

Após invadir a Ucrânia, o governo russo ameaçou Finlândia e Suécia com "sérias consequências políticas e militares", caso decidam entrar para a Otan. Os países foram convidados a participar da reunião da aliança ocidental nesta sexta (25). A porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da Rússia, Maria Zakharova disse que a política de não alinhamento militar da Finlândia é "fundamental para a manutenção da segurança e da estabilidade na região norte da Europa". Embora tenham sido convidadas para a reunião, nem Suécia nem Finlândia têm mostrado intenção de se juntar à Otan.

energia, finanças e transporte da Rússia, bem como restrições às exportações de tecnologia e à concessão de vistos.

Os países do bloco preferiram não excluir, por ora, bancos russos do sistema interbancário Swift, um passo considerado de efeito mais robusto.

Autoridades disseram que o bloco está pronto para aguentar impactos econômicos que devem girar em torno do aumento do preço da energia. "Mas os custos de reagir a essa invasão, a essa violação da lei internacional, são custos com os quais devemos arcar", disse o comissário econômico europeu Paolo Gentiloni.

Ainda nesta sexta, o Reino Unido e os EUA também anunciaram que vão aplicar sanções contra Putin e Lavrov. No dia anterior, o premiê britânico, Boris Johnson, havia divulgado uma lista de empresas e indivíduos sancionados. A expectativa é que a medida tenha impacto nos negócios da elite russa, que há décadas está ligada ao mercado de capitais de Londres.

Já o presidente americano, Joe Biden, estendeu nesta sexta o pacote de sanções impostas a empresas russas e pessoas ligadas ao Kremlin. Segundo ele, haverá restrições envolvendo transações do governo russo em moedas estrangeiras, barreiras para o acesso a tecnologias e medidas contra os maiores bancos do país.

O Kremlin avaliou que as sanções impostas à Rússia causariam problemas a Moscou, mas que não são intransponíveis. O país está decidido a ampliar seus laços comerciais e econômicos com nações asiáticas, como a China. Peskov disse que Moscou já

havia reduzido sua dependência das importações estrangeiras para se proteger contra sanções. "O objetivo principal era assegurar a completa autossuficiência e a substituição das importações, se necessário", disse Peskov. "Em grande medida esse objetivo foi alcançado. Sem dúvida haverá problemas, mas eles não serão insuperáveis."

O Ministério da Economia disse que a Rússia enfrentou sanções durante muito tempo e que está reavaliando seus laços comerciais para combater o que chamou de ameaça que emana do Ocidente.

"Entendemos que a pressão de sanções que enfrentamos desde 2014 vai se intensificar", informou a pasta. "A retórica de alguns de nossos colegas do exterior foi tal que estamos prontos para potenciais novas sanções por um longo tempo."

Diante das medidas que a UE anunciou em represália ao ataque russo na Ucrânia, Moscou também prepara retaliações.

"E conhece as fraquezas de seus alvos", disse a presidente da Câmara alta do Parlamento, Valentina Matvienko.

Ao menos uma medida prática já foi tomada. A Rússia proibiu a entrada em seu espaço aéreo de todos os aviões vinculados ao Reino Unido, em resposta às sanções de Londres à companhia aérea russa Aeroflot — que integra a aliança internacional SkyTeam, da qual faz parte a franco-holandesa Air France-KLM.

De acordo com a agência reguladora Rosaviatsia, foram bloqueados todos os aviões "de propriedade, arrendados ou operados por uma organização vinculada ou registrada no Reino Unido".

NOTAS UCRANIANAS

Após ataques, papa vai à embaixada russa no Vaticano

O Papa Francisco foi à embaixada russa no Vaticano nesta sexta-feira (25) e apresentou ao embaixador suas preocupações sobre a invasão à Ucrânia. Acredita-se ser a primeira vez que um Papa vai a uma embaixada durante um conflito. Matteo Brunni, disse que o Papa ficou cerca de 30 minutos na embaixada.

Invasão é 'ruptura profunda' na história europeia, diz Merkel

A ex-primeira-ministra da Alemanha, Angela Merkel, condenou nesta sexta (25) a "guerra de agressão" da Rússia contra a Ucrânia, que marca uma "ruptura profunda na história europeia". "Acompanho com a maior preocupação os acontecimentos após o novo ataque", escreveu Merkel, em um comunicado. "Esta flagrante violação do direito internacional não tem justificativa, e eu a condeno nos termos mais energéticos possíveis".

Ucrânia registra alta de radiação em Tchernóbil, tomada pelos russos

A Ucrânia informou que um aumento no nível de radiação da usina nuclear de Tchernóbil foi registrado nesta sexta (25), um dia após o local ser tomado por tropas da Rússia. Especialistas não forneceram os níveis exatos de radiação, mas disseram que a mudança se deve ao movimento de equipamentos militares pesados na área, o que levantou a poeira radiativa. Foi na usina nuclear de Tchernóbil que ocorreu o pior acidente da história, em 1986.

Putin diz a Xi quer dialogar com Ucrânia, e chinês apoia resolução

O presidente da Rússia, Vladimir Putin, falou ao telefone com o dirigente chinês, Xi Jinping, nesta sexta-feira (25). Segundo a TV estatal de Pequim, CCTV, Putin disse querer realizar um diálogo de alto nível com a Ucrânia, esforço que Xi apoia. "Os EUA e a Otan há tempos ignoram as preocupações razoáveis de segurança da Rússia", disse o russo ao chinês.

Ucrânia denuncia ataque de hackers a militares do país

Integrantes do departamento de segurança cibernética do governo ucraniano afirmam que militares do país e seus parentes são alvos de hackers. Segundo o CERT (Equipe de Respostas Emergenciais), o responsável é um grupo conhecido como UBCH1, que seria composto por oficiais do exército de Belarus.

Talibã manifesta preocupação com guerra e pede diálogo

O grupo fundamentalista Talibã, que retomou o controle do Afeganistão no ano passado após a retirada das tropas ocidentais, divulgou nota nesta sexta (25) expressando preocupação com a situação na Ucrânia. O texto pede que as partes do conflito privilegiem o diálogo e manifesta preocupação com as vítimas da guerra.



O presidente ucraniano, Volodimir Zelenski, concede entrevista coletiva em Kiev. Presidência da Ucrânia/AFP

Zelenski foi de comediante a presidente e alvo do Kremlin

Thiago Amâncio

SÃO PAULO Volodimir Zelenski assumiu nesta semana seu papel mais improvável até aqui: o de presidente de uma Ucrânia em tempos de guerra.

O ator e comediante de 44 anos eleito após ficar famoso interpretando justamente um presidente ucraniano em uma série de TV agora é o alvo número 1 do russo Vladimir Putin na guerra iniciada na quinta (24), segundo ele próprio disse em pronunciamento. Mas ele tem repetido que não vai deixar o país.

Embora diga que quer negociar, Putin fala abertamente em derrubar o presidente. E nesta sexta pediu que os soldados ucranianos tomem o poder. No mesmo discurso, afirmou que o país é hoje comandado por uma gangue de neonazistas. Essa foi, aliás, uma das justificativas da invasão russa: "desnazificar" o país. Ainda que haja denúncias de

infiltração de grupos neonazistas em partes do Estado ucraniano, como setores das Forças Armadas — o Batalhão de Azov, por exemplo, é acusado de usar símbolos como a suástica e saudações nazistas —, o argumento é cruel contra Zelenski, já que ele é o primeiro presidente judeu da Ucrânia.

Ao jornal The New York Times, Zelenski reagiu afirmando que três de seus tios-avós foram mortos no Holocausto. "Como eu poderia ser nazista? Diga isso a meu avô, que passou a guerra inteira na infantaria do exército soviético e morreu como coronel na Ucrânia independente", disse.

Outro fator que aumenta o nível de complexidade do personagem é que ele tem o russo como língua materna — cresceu em Krivi Rih, na região central do país, uma das maiores cidades da Ucrânia e onde o russo é língua predominante. E foi em russo que discursou na última quarta (23), horas antes

do começo dos ataques, em pronunciamento emocionado no qual afirmou que a guerra seria "grande desastre, com alto custo" de dinheiro, reputação, qualidade de vida, liberdade e da vida de entes queridos.

Sem experiência política antes de se candidatar, Zelenski tomou emprestadas várias das características da comédia que o alçou ao estrelato. Em "Servo do Povo", interpreta um professor de história que viraliza na internet com um vídeo em que esabafa contra a corrupção e acaba eleito presidente do país.

Na vida real, deu o nome do programa de TV a seu partido, e tinha na luta contra a corrupção a principal proposta — ou única, já que um dos mortos da campanha, em tom de piada, era que "quem não tem promessas não decepciona".

Em meio a uma onda antipolítica e com uma campanha quase toda feita pela internet, venceu com 73% dos votos no

segundo turno o então presidente Petro Porochenko, que buscava um segundomandato.

Zelenski herdou uma guerra civil no leste de seu país, uma economia colapsada pela disputa e o conflito pela Crimeia, anexada pela Rússia em 2014 em reação à revolta que, no mesmo ano, tirou do poder um governo pró-Moscou. Minutos após assumir a presidência, dissolveu o Parlamento, expediente previsto para os líderes do país, e convocou eleições legislativas na expectativa de consolidar seu poder — conseguindo maioria de assentos na Casa. No comando do país, pôs entre seus conselheiros colegas de sua companhia de comédia Kwartal 95, a mesma que o tornou famoso antes de entrar na política.

Mesmo prometendo negociar com a Rússia para resolver os conflitos no leste, deixou claro que seu governo colocava a Ucrânia mais próxima do Ocidente do que de Moscou.

No famoso telefonema em que o ex-presidente dos EUA Donald Trump o pressiona a investigar as atividades do filho do então pré-candidato Joe Biden no país, Zelenski mostrou-se subserviente e foi criticado dentro e fora da Ucrânia.

Na ligação, criticou os principais líderes da União Europeia, Angela Merkel e Emmanuel Macron — que não se davam bem com Trump, que chamou de "um ótimo professor" para a renovação política que tentava fazer na Ucrânia. Mas ele não está feliz com o Ocidente. Na quinta, primeiro dia de ataques, disse que o país foi abandonado, já que até agora ninguém enviou tropas para ajudar a combater os russos. "Nos deixaram sozinho para defender nosso Estado", afirmou. "Quem está disposto a lutar conosco? Não vejo ninguém. Quem está disposto a dar à Ucrânia uma garantia de adesão à Otan? Todos estão com medo", lamentou.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mundo **Caderno:** A **Página:** 9 a 13